

Formação para a diversidade de gênero e ações de visibilidade da população LGBT em museus de Belo Horizonte

Jezulino Lucio Mendes Braga¹

Training for gender diversity and visibility actions for
the LGBT population in museums in Belo Horizonte

Os museus são ambientes ricamente estruturados, que conservam referências materiais, registros de memória, e nos remete, também, à própria ideia do patrimônio, pois que, nos gestos de salvaguarda e perda estão implícitos as estruturas mentais da sociedade e a forma como essa sociedade quer ser lembrada. Os museus são frutos de escolhas arbitrárias, representadas em tramas de memória e esquecimento.

Além disso, os museus são instituições que podem contribuir para a emancipação de seus públicos, propondo inquirições a partir de suas coleções, que encontram-se em exposição, ou dos objetos que estão preservados nas reservas técnicas. Como uma morada de fragmentos, o museu é um cenário de deslocamentos. Os sujeitos

¹ **Jezulino Lucio Mendes Braga**: Doutor em Educação pela UFMG, Docente do Bacharelado em Museologia da UFMG e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência da UFMG e integrante da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil. E-mail: jezulinolmb@eci.ufmg.br

Artigo recebido a 07.10.2020

Aprovado para publicação a 10.01.2021

percorrem a narrativa organizada pelos projetos curatoriais e propõem outras, muito menos universais e objetivas, que fazem parte de sua memória individual. Por meio de uma concepção de museu como “morada babélica”² com suas diversas linguagens, na qual o sujeito é um andarilho e os objetos são ideias moventes, tocantes e provocadoras (Pereira, 2007), o museu deixa de ser um espaço apenas de curiosidade que transporta o sujeito a outro tempo e possibilita sentir empaticamente as implicações do passado no presente.

Com soluções expositivas, cada vez mais sofisticadas, os museus são essencialmente narrativos. Por meio de objetos, focos de luz, discurso dos educadores, mídias e textos, as equipes dos museus constroem argumentos que são apresentados ao público visitante.

Não há ingenuidade nas narrativas museais. Os argumentos criados pelas equipes de curadoria, na maioria das vezes de forma impertinente, promovem a invisibilidade de determinados grupos como negros, indígenas, mulheres e LGBT’s. Além disso estes espaços são interditados a estes grupos, tanto no que se refere à execução de tarefas administrativas em cargos de chefia e/ou gerência, quanto na exposição de obras de arte de autoria desses indivíduos. Quantos LGBT’s ocupam cargos de gestão nos museus? Quantos são os curadores indígenas? Quantas são as coleções formadas por obras de mulheres? Como são narradas as histórias dos corpos negros escravizados?

No que se refere à sigla LGBT, estou adotando essa rubrica neste artigo, motivado pelo texto base da II Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos LGBT, ocorrida em 2011, o qual justifica que “a capacidade de amar do ser humano é infinita, certamente a lhe faltar letras para compor uma sigla. É mais seguro, pedagógico e político ficar com a sigla oficial” (Baptista & Boita, 2018, p. 256). Apesar dessa consciência e cuidado ao referir-se a essa população,

² Museu como espaço da dispersão, pluralidade, onde reside o paradoxo da salvaguarda e da irremediável perda que implica a própria vida. Museu como espaço das diversas linguagens e de possibilidade de partilhar experiências.

há estudos que revelam diferenças e discriminações quanto ao seu aproveitamento no mercado de trabalho. E, no caso dos museus, dados levantados pelo pesquisador Tony Boita apontam que, dos mais de 3 mil museus no Brasil, apenas 1% desenvolve ou já desenvolveu ações voltadas para este público (Boita, 2020, p. 7).

O texto que segue apresenta ações desenvolvidas nos museus de Belo Horizonte e no curso de museologia da UFMG, com o objetivo de superar as fobias sexuais e de gênero. O período de análise compreende os últimos 10 anos, que vai desde a criação do curso de museologia, em agosto de 2010, até o contexto marcado pela pandemia do novo coronavírus, período de fechamento dos museus e paralização das atividades.

Objetos interditados, narrativas silenciadas

A exibição das sexualidades humanas nos museus ainda é muito tímida. Mesmo que o nú, principalmente o feminino, esteja presente nas coleções em exibição, o tema das sexualidades não é narrado nos arranjos expográficos. Ainda mais raro é a exibição de objetos que possam ajudar a construir a história dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo³ nas galerias dos museus. Conforme revela Frost (2007), a inclusão e representação de culturas homossexuais em espaços públicos é uma iniciativa recente:

A brief review of the track record of museums in addressing these issues reveals that it is only in the last five years or so that they have begun to present more inclusive and representative exhibitions, displays and events. Contemporary artists and art galleries have arguably been more prominent in representing gay and lesbian culture in public spaces (Frost, 2007, p. 64).

³ No Brasil o episódio conhecido da Exposição Queer Museu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, revela a dificuldade em tratar com o tema das sexualidades. A exposição foi desmontada pouco tempo após sua abertura, envolvida em uma polêmica nacional. Foi remontada no Rio de Janeiro por meio de um financiamento coletivo.

Apesar deste avanço, muitas coleções de objetos permanecem interdidas e grande parte deles estão depositados nas reservas técnicas, à espera do momento em que possam ser conhecidos pelo público na visualização da história da sexualidade da humanidade. Um dos casos mais destacados nos estudos sobre objetos interdidos pelos museus diz respeito a The Warren Cup que hoje pertence ao Museu Britânico:

The cup has a separate interior silver casing to ease drinking and cleaning and would once have had two vertical handles which are now lost. These handles and the foot were separately cast. The Warren Cup is around 11cm in height and is decorated with beautifully realised scenes in relief. The scenes on the thin outer casing were raised by hammering, and the details chased and engraved. These show two pairs of males engaged in sex. The scenes are easy to describe because they are rendered so skilfully. Interpretation of the scenes is more challenging because they raise a number of questions that are difficult to answer definitively (Frost, 2007, p. 66).

Antes de entrar no museu a peça pertenceu ao colecionador inglês Edward Perry Warren.⁴ O objeto passou por uma diáspora, tendo sido considerado pornográfico e retido na alfândega de Nova Iorque, recusado uma primeira vez pelo diretor do Museu Britânico até ser exibido na década de 80 na Suíça. Posteriormente o objeto volta a Nova Iorque vendido ao *Metropolitan Museum of Art*. Em 2006 essa peça é adquirida pelo Museu Britânico onde está exposta até hoje (Pinto, 2012, p. 52).

Greenblatt (1991) afirma que os objetos, antes de chegarem aos museus, possuem uma história ligada a apropriações pessoais, negociações e conflitos. O referente material, nesse caso o objeto, é apenas um elemento na complexa construção simbólica que originalmente marcou sua vida até chegar às galerias dos museus. Os

⁴ Warren foi um colecionador e apreciador da arte antiga. Nasceu perto de Boston em 1860. Grande parte da coleção que acumulou em vida refere-se a arte erótica. Essa coleção foi recebida pelo Museu de Belas Artes de Boston em 1908, permanecendo sem catalogação até 1950.

processos sócio-históricos lhes incorporam significados, com ranhuras e marcas trazidas dos caminhos que percorrem antes de chegar às exposições dos museus (Greenblatt, 1991).

A taça em questão apresenta cenas eróticas em alto relevo, nas quais podem ser visualizados dois homens, um mais velho e um mais jovem. As cenas, que podem suscitar o debate sobre as relações afetivas e sexuais entre dois homens, fizeram com que o objeto fosse impedido de ser exibido durante um longo tempo:

A peça sofreu interpretações diversas desde 1998 e foi tema de uma mostra chamada de *The Warren Cup: sex and society in ancient Greece and Rome*, entre maio e julho de 2006. O Museu Britânico resolveu associar a história do cálice às atitudes modernas diante do homoerotismo e, na exposição, havia cartas do séc. XVIII, imagens do filme *Brokeback Mountain*, e imagens do Japão da primeira metade do séc. XIX, entre outras. (Pinto, 2012, p 52)

Este objeto é, portanto, uma chave para entender as atitudes do mundo clássico em relação a sexualidade e gênero. Sua exibição na contemporaneidade sinaliza para as possibilidades em relação ao sexo. A história desse objeto nos leva a questionar sobre quantos outros objetos e documentos existem nas reservas técnicas dos museus que poderiam estar expostos, não fosse a homolesbotranfobia museológica.

Esse tipo de acervo levanta questões desafiadoras, que museus consideram mais fácil ignorar do que enfrentar. No Brasil, a carta de Mário de Andrade a Manoel Bandeira, na qual constaria possíveis indícios de sua homossexualidade foi liberada para consulta no ano de 2017, após um longo processo que deu início com base na Lei Geral de Acesso a Informação. O documento faz parte da coleção da Fundação Casa Rui Barbosa, que se negava a dar acesso aos pesquisadores, alegando que a doação do documento para a coleção teria sido condicionada a limitações.

A resistência da fundação em liberar o documento, sob a justificativa de preservar a integridade do autor, revela a relutância da instituição em debater o tema, em um momento no qual a

positivação de memórias de que representaram a história da população LGBT seria uma estratégia para superação das fobias em relação a condição sexual e de gênero (Baptista & Boita, 2015, p. 5-6)

Personagens declaradamente homossexuais como Lota Macedo Soares, Clóvis Bornay, Jorge Lafond, Mc Lacreia, Sofia di Carlo, Edson Nunes e tantos outros e outras não têm suas histórias narradas em museus em exposições de curta ou longa duração. A luta por garantir sua existência em uma sociedade marcada pela homofobia poderia servir de parâmetro para as futuras gerações.

Para Tony Boita (2020), as práticas museais foram produzidas em contextos fóbicos, invisibilizando diversos grupos, dentre eles os LGBTQIA+:

Chamo de homolesbotransfobia museológica todo e qualquer procedimento da cadeia operatória que é utilizado como argumento para invisibilizar e/ou ignorar as pessoas LGBT, priorizando, escondendo ou até estimulando a desinformação ou a deterioração dos bens culturais museológicos. Em resumo, ao estimular a invisibilização, os museus incentivam a homolesbotransfobia. Ignorar um objeto pertencente a esse grupo é negar o direito às memórias da população LGBT, tão humilhada e maltratada pela sociedade e pelo Estado. (BOITA, 2020, p. 107)

No Brasil os museus que se dedicam prioritariamente ao tema das sexualidades dissidentes são em número reduzido, sendo o Museu da Diversidade Sexual em São Paulo um dos mais conhecidos.⁵ Há ainda uma produção que circula sobre a memória e história da população LGBT na Revista Memória LGBTQI+ que publicou recentemente sua 12ª Edição.⁶

Nos museus que não se dedicam prioritariamente ao tema, é necessário que os profissionais vasculhem as coleções em exibição ou as que estão depositadas na reserva técnica. Muitas vezes os

⁵ <http://www.mds.org.br/> (acessado em 07/10/2020)

⁶ <https://memoriaslgbt.com/> (acessado em 07/10/2020)

vestígios históricos referentes a população LGBT e suas sexualidades dissidentes foram classificados por uma prática hetero - androcêntrica interditando as interpretações que poderiam ser feitas sobre suas memórias (BOITA & BAPTISTA, 2018).

A partir deste diálogo , levanto a seguinte questão : se considerarmos que os museus podem contribuir para a superação das fobias de condição sexual , identidade e gênero , quais estratégias podem ser empregadas e em que medida as discussões sobre gênero e sexualidades entram no processo formativo dos profissionais de museus?

Entendo que os museus instituem uma relação de alteridade e, potencialmente , podem promover diálogos , confrontos , deslocamentos e afirmações identitárias . Portanto, são ambientes nos quais os sujeitos podem ressignificar suas posições éticas, estéticas e sensíveis . Dessa forma podem servir como uma tecnologia social para a superação das fobias de gênero e sexualidade e incorporar outras pautas das populações LGBT.

Atividades de visibilidade da população LGBT nos museus e centros culturais de Belo Horizonte

Belo Horizonte possui cerca de 65 museus cadastrados na plataforma Museusbr do IBRAM. Deste total, encontramos museus com tipologias diversas, com coleções de documentos, objetos, referências imateriais e outros espaços culturais que não possuem coleções em exposição de longa duração como no caso do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Existem experiências de práticas museais significativas na cidade como os museus que compõem o Circuito Liberdade , o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos , Museu da Escola Professora Ana Maria Casasanta Peixoto , os museus da Rede de Memória e Espaços e Ciência e Cultura da UFMG, o Espaço Comum Luiz Estrela, entre outros.

Gostaria de destacar o Espaço Comum Luiz Estrela como um dos ambientes que potencializam o debate sobre a memória LGBT e

as sexualidades dissidentes. No ano de 2013 um coletivo⁷ ocupou um antigo prédio em estilo neoclássico, situado à Rua Manaus no Bairro Santa Efigênia em Belo Horizonte, edificação que tinha sido criada para ser sede do Hospital Militar de Minas Gerais, passando por outros usos ao longo da história até ser desocupado na década de noventa (Hoffman & Frota, 2019, p. 56).

A ocupação recebeu o nome de Luiz Otávio da Silva, artista negro morador de rua e homossexual. Conhecido como Luiz Estrela, integrou a Gang das Bonecas, um coletivo de homossexuais em situação de rua que lutam por meio da arte pela existência de seus corpos LGBT na cidade de Belo Horizonte. Luiz Estrela foi morto em junho de 2013, período conhecido como *Jornadas de Junho*⁸, em condições ainda não esclarecidas. Uma nota sobre a ocupação do imóvel, bem como um pouco da história de vida de Luiz Estrela foi publicada na revista piau (online), a qual destaca:

Luiz Otávio da Silva era bonito e inteligente, mas nunca teve vida fácil. Aos 5 anos assistiu à separação dos pais e à chegada de um padrasto como qual nunca se deu. Por ser um menino afeminado, foi vítima de preconceito e do que hoje chamamos de bullying. Aos 15, assumiu a homossexualidade e foi internado pela família num centro de recuperação, onde ficou quatro meses antes de fugir. Não quis voltar a viver com a família e errava pelas casas de amigos e conhecidos. Fazia artesanato, vendia e gastava o dinheiro com facilidade incomum. Escrevia poemas, recitava Drummond e Ana Cristina Cesar, ao mesmo tempo em que bebia cachaça a

⁷ Este coletivo reúne historiadores, arquitetos, advogados, urbanistas, professores e outros sujeitos que lutam pelo direito a cidade sob os princípios da autogestão e horizontalidade e por tal motivo decidiram ocupar um casarão tombado que estava em avançado estado de degradação.

⁸ Os protestos no Brasil em 2013, também conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, foram várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, principalmente nas principais capitais.

talagadas e ficava cada vez mais dependente do álcool. Entre moradores de rua, é lembrado pela indumentária exótica, com colares, brincos e meia arrastão.⁹

A vida de Luiz Estrela se confunde com a vida de muitos homossexuais rejeitados pelas famílias e que encontram a rua como seu lugar de morada. Sua história de luta pela sobrevivência permanecerá materializada em um grafite, instalado na entrada do referido edifício da Rua Manaus como pode ser visto na foto seguinte.



Foto 01- Entrada do Espaço Comum Luiz Estrela. Foto: Carlos Vasconcelos Longo

⁹ <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-hora-do-estrela/> acessado em 22/08/2020

A maior parte dos museus de Belo Horizonte situa-se no Circuito Liberdade. Trata-se de um complexo com espaços culturais e museus em uma parceria público-privada, que ocupa os prédios, destinados anteriormente às funções da administração pública estadual. O circuito foi inaugurado em 2010, após a criação da Cidade Administrativa, que passou a abrigar as Secretarias do governo estadual na região noroeste da cidade. Em 2015 o IEPHA-MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais) passou a fazer a gestão do circuito, que hoje reúne 15 instituições, incluindo museus, bibliotecas e centros culturais.

Estes museus não possuem coleções diretamente ligadas à memória LGBT, mas realizam atividades que as potencializam. Em abril de 2014, por exemplo, foi realizado no Memorial Minas Gerais Vale o *Ciclo Transgressões no Museu: educação, cultura e direitos humanos*.

A ideia do projeto, elaborado em uma parceria entre o museu e o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, surgiu a partir de uma formação com educadores em que foi abordada a ausência do público LGBT nos museus (Alves & Tameirão, 2014). Como metodologia para realização das atividades os organizadores propuseram uma exposição, mesas de debates e visitas mediadas com travestis da cidade. Antes das atividades foram feitas formações com a equipe do museu para que o atendimento fosse qualificado ao público alvo.

Durante o evento foi montada a exposição *Elas Madalenas* do jornalista e fotógrafo Lucas Ávila, composta por 10 fotografias (1,70x78) que foram dispostas nas escadarias do prédio que abriga o museu¹⁰. Em uma penteadeira *vintage*, colocada no hall de entrada foram dispostos o catálogo da exposição e fotos impressas em formato “pop-card” (Alves & Tameirão, 2014, p. 19).

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=1otWTYWydjM> (acessado em 07/10/2020)



Foto 02- Exposição Elas Madalenas-Lucas Ávila- 2014. Foto: Do autor

A proposta do fotógrafo Lucas Ávila foi trazer recortes do cotidiano das travestis em suas performances no dia a dia, entendendo estas mulheres:

[...] através da maquiagem, das roupas, do cuidado com os cabelos, dos trejeitos e de tantos outros artifícios que fazem parte da aparência visível(...). Não há aqui a pretensão de tirar nenhuma conclusão sobre o gênero propriamente dito, mas pensar em como as roupas, a maquiagem e os adereços funcionam na performatividade de gênero (MAYRINK, MARQUES & PRADO, 2018, p 25).

As imagens reproduzidas por Ávila e expostas nas escadarias do museu, promovem a visibilidade das travestis, em performances que desafiam o binarismo de gênero, propondo outras narrativas sobre suas vidas, rompendo, dessa forma, com concepções prévias sobre seus estilos de vida nas esquinas das cidades.

Em 2017 foi realizado o III De Frente com a Diversidade, no mesmo museu, cuja proposta foi de realizar uma roda de conversa sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade.¹¹ E recentemente, no ano de 2019, o museu realizou o MemoQueer, evento que reuniu pesquisadores para refletirem sobre a memória e

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=fcejAm4Y50Y> (acessado em 07/10/2020)

patrimônio LGBTQIA+ nos museus. Ainda no ano de 2017 foi realizada, como parte da programação da 20ª Parada do Orgulho LGBT, atividades no Museu da Moda e no MIS Santa Tereza (Museu da Imagem e do Som). No primeiro aconteceu uma mesa redonda sobre populações LGBT no espaço urbano e no segundo a exibição do filme *Minha Vida Cor de Rosa* de Alain Berliner.

O CCBB promoveu uma mostra de filmes com temática LGBT, com o objetivo de provocar múltiplas visões sobre as sexualidades humanas. O evento, realizado em 2018, durou uma semana e teve acesso gratuito com ampla divulgação na mídia. Nesse espaço cultural, ainda que não tenham ocorrido exposições com a temática, atividades em outras linguagens, tais como peças de teatro, debates, musicais, dentre outras, abordam as questões de gênero e sexualidade.

Estas atividades refletem o desejo dos públicos em ter suas memórias representadas e discutidas nos museus. É o museu servindo como ferramenta para transformação social, dialogando com uma coleção de problemas, com demandas que lhes chegam dos mais diferentes sujeitos. Em entrevista com Maria Cristina Dias (2014), Mário Chagas afirma que o grande papel dos museus na atualidade é

(...) contribuir para a dignidade social, para a coesão social, para a dignidade da pessoa humana... se ele deixar de existir, mas tiver feito essa contribuição, fez uma coisa extraordinária. Porque o que vai ficar é a experiência realizada, a experiência vivenciada” (Dias, 2014, p 110).

Formação para uma museologia de superação da homolesbotransfobia

Na última década foram criados 14 cursos de graduação em museologia, em universidades públicas brasileiras.¹² A expansão das graduações no campo se deu em virtude do programa de expansão

¹² Quatro cursos de mestrado e um de doutorado.

das universidades, conhecido como REUNI.¹³ Dos cursos que foram criados recentemente, seis (6) estão em Faculdades ou Instituto de Ciências Humanas e Sociais (UFG, UFRB, UFPE, UFPEL, UFSC, UNIRIO), três (3) em faculdades ou Escolas de Biblioteconomia ou Ciência da Informação (UFMG, UNB e UFRGS) e um (1) na área de Artes (UFPA). Quatro (4) cursos em departamentos específicos de museologia, dos quais dois associam outros campos disciplinares, sendo eles na UFPEL, Museologia, Conservação e Restauro, na UFPE, Antropologia e Museologia, e na UFOP como departamento integrado a Escola de Direito, Turismo e Museologia. O curso da Universidade Federal de Sergipe (UFS) não está vinculado a nenhuma unidade acadêmica. Os outros dois (2) cursos de instituições públicas estão na UFBA na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e o curso da Escola de Museologia da UNIRIO.

O curso de museologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é ofertado na Escola de Ciência de Informação (ECI) e completou 10 anos em agosto de 2020. O curso de graduação foi criado em parceria com a Escola de Belas Artes (EBA) e as atividades acadêmicas curriculares são ofertadas em três departamentos: dois na ECI e um da EBA.

Cabe ressaltar que em Minas Gerais foram criados 4 museus na década de 40 pelo antigo SPHAN, hoje IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional), e atualmente é o terceiro estado da federação com o maior número de museus.¹⁴ A salvaguarda do patrimônio material e imaterial, bem como as ações no campo da museologia eram realizadas por profissionais que não possuíam uma

¹³ O REUNI foi o Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras, parte integrante de um conjunto de ações do Governo Federal no Plano de Desenvolvimento de Educação do MEC. Foi instituído pelo Decreto Presidencial 6.096, de 24 de abril de 2007, com o objetivo de dar às instituições condições de expandir o acesso e garantir condições de permanência no Ensino Superior.

¹⁴ 434 museus cadastrados na plataforma Museusbr. <http://museus.cultura.gov.br/> (acessado em 07/10/2020)

formação específica na área e a demanda pela profissionalização no Estado aumentou ainda mais com a implementação da Política Nacional de Museus e a criação do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) em 2011.

Neste cenário foi implantado um curso de graduação, que tem como premissa uma formação teórica consistente com uma prática profissional reflexiva. A matriz curricular está estruturada para formar museólogos que:

[...] compreendam o museu como fenômeno sociocultural; que interpretem as relações do homem com seu ambiente e patrimônio, em suas diferentes facetas; que intervenham de maneira socialmente responsável nos processos de musealização e dominem os processos técnicos e operacionais da Museologia (JULIÃO, GARCIA & SABINO: 2015, p 4).

Em 2017 propus ao o NDE (Núcleo Docente Estruturante) a oferta da Atividade Acadêmica Curricular (AAC) *Museus e Diversidade*. A minha proposta foi baseada nos fundamentos conceituais do curso, aprovados no Projeto Político Pedagógico (PPC). A elaboração da ementa se deu em virtude das demandas que identifiquei no curso e das atividades que participei nos museus de BH, especialmente no projeto *Ciclo Transgressões no Museu: educação, cultura e direitos humanos*, relatado acima.

O ciclo ocorreu entre os três dias 9, 10 e 11 de abril de 2014, com mesas sobre Visibilidade Transgressoras, Políticas Públicas de Diversidade Sexual e Nome Social: direitos e práticas identitárias. Neste evento pude dialogar com pesquisadores, educadores de museus, militantes e travestis que sentiam falta de ações no campo da museologia para a população LGBT. Sai de lá com a certeza de que seria necessário incluir o debate de gênero e sexualidades dissidentes no currículo do curso.

Foi preciso uma imersão na bibliografia produzida sobre patrimônios e coleções museológicas a partir de uma perspectiva de gênero, indo ao encontro da produção no campo da museologia sobre mulheres e LGBT's. Estas produções encontram-se em teses e

dissertações, artigos em revistas especializadas e nos Anais do Seminário Brasileiro de Museologia, que está em sua quarta edição. As referências bibliográficas foram organizadas nos seguintes temas: museus e o feminismo, museologia e LGBT's, coleções de museus e questões de gênero e sexualidades dissidentes.

Em 2019, em uma parceria do curso de museologia com o NUH-Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania, ofertamos a mesma AAC na Formação Transversal em Gênero e Sexualidade: Perspectiva Queer/LGBTI, abrindo vagas para todos cursos de graduação da UFMG.¹⁵

Nos 3 semestres em que foi ofertada essa AAC tivemos oitenta e cinco estudantes matriculados. Desse total, setenta e um eram graduandos em museologia. A alta procura pela AAC justifica sua permanência na matriz curricular do bacharelado em museologia e na oferta da Formação Transversal.

Como desdobramento das atividades desenvolvidas, estabelecemos parceria com pesquisadores do campo da Memória LGBT e implantamos em 2019 o Centro de Estudos, Pesquisas e Memória Cintura Fina. O nome do Centro homenageia o cidadão conhecido como Cintura Fina, nascido em Fortaleza-CE no ano de 1933 e vindo morar em Belo Horizonte-MG a partir do ano de 1953. Cintura Fina foi uma pessoa de extrema importância da cena LGBT da cidade.

O Centro de Estudos, Pesquisas e Memória Cintura Fina pretende ser o primeiro espaço de pesquisa, estudos e memória LGBT na capital mineira e, atualmente possui um acervo formado, principalmente, por recortes de jornais, livros, revistas e fotos. O acervo foi doado pelo Prof. Luiz Morando, que pesquisa sobre vida social e cultural LGBT na cidade de Belo Horizonte. Os documentos estão depositados e em uma sala dentro da biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) em fase de catalogação.

¹⁵ <http://www.fafich.ufmg.br/nuh/ft-genero-e-sexualidade/> (acessado em 07/10/2020)

Além de leitura de texto e apresentação de seminários realizamos aulas abertas com a participação de pesquisadores e pesquisadoras do campo da memória LGBT e das questões de gênero, museus e sexualidades dissidentes. Nestas aulas foi possível discutir experiências de exposições em museus, pesquisas em andamento sobre usos da cidade e sexualidades dissidentes, cartografias LGBT em Belo Horizonte, arquivos para estudos da memória LGBT, entre outros temas. Realizamos, também, visitas a museus com o objetivo de investigar a presença da narrativa sobre as mulheres e LGBT's nas exposições.

As visitas e análise de exposições nos museus acontecia de forma virtual, nos sites dos museus, identificando coleções de objetos, textos expográficos e imagens. Em espaços que não possuem acervo como o Espaço Comum Luiz Estrela, o debate se deu por meio da identificação de referências aos sujeitos LGBT's.



Foto 03- Visita ao Espaço Comum Luiz Estrela. Foto: Felipe Hoffman

Em 2019 os estudantes visitaram a exposição *Se as paredes falassem*, promovida pelo coletivo Clã das Lobas, grupo que dá

suporte às mulheres profissionais do sexo, que vivem nos hotéis da Rua Guaicurus¹⁶. A mostra de vinte e sete fotografias, exposta no Centro de Referência da Juventude (CRJ), foi protagonizada pelas profissionais do sexo, desde a concepção, execução e montagem. Das 9 mulheres que expuseram suas fotografias, 3 são transexuais. Além das fotografias foi montada uma instalação que simula um dos insalubres quartos ocupados pelas mulheres nos hotéis do centro de Belo Horizonte, popularmente conhecidos como “sobe e desce”, devido ao intenso trânsito de pessoas em busca de sexo.

Existe um projeto de criação de um museu dedicado à narrativa de vida das profissionais do sexo como, por exemplo, Hilda Furacão e Cintura Fina, personalidades que circularam pela zona boêmia da cidade. A sede do chamado Museu do Sexo das Putas será em um casarão abandonado da Rua Guaicurus, que está em fase de restauração. O objetivo é revelar outras narrativas possíveis sobre a vida das profissionais do sexo na cidade:

Se nós percorrermos a Guaicurus hoje em dia, há uma invisibilidade das mulheres profissionais do sexo. A movimentação é, sobretudo, do comércio e serviços e dos homens que sobem e descem os hotéis. Essa paisagem não é, de forma alguma, descolada de um processo histórico denso e longo. O mesmo vale para a cultura local a respeito da região da Rua Guaicurus – carregada de estigmas em torno do violento, do submundo e da imoralidade. Se olharmos para o passado, constataremos como minuciosamente isso foi sendo construído em narrativas e “políticas” policiais (Brusantin, 2017)¹⁷

Acessar esta exposição com os estudantes foi uma oportunidade para que refletissem sobre o jogo entre memória e

¹⁶ É uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 13 de julho de 2018, por trabalhadoras sexuais de Belo Horizonte-MG-Brasil. Filiado à Articulação Nacional de Profissionais do Sexo (ANPS), o coletivo conta a participação de trabalhadoras sexuais cis e trans.

¹⁷ <https://museudasputas.wixsite.com/museu/historias> (acessado em 08/09/2020).

esquecimento que alimentam preconceitos e estigmas sobre os sujeitos e como os museus precisam dialogar com seu tempo, pois os movimentos sociais já estão mobilizando as práticas museais:

Porque eles perceberam que o museu pode ser uma ferramenta útil, estratégica, para lidar com as questões de memória, para enfrentar as questões sociais. Mas, especialmente, os museus podem contribuir para a dignidade da pessoa humana, para a dignidade social (Mário Chagas em entrevista concedida a Dias, 2014, p. 110)

No primeiro semestre de 2020, visitamos o Museu de Arte da Pampulha onde estava exposta a instalação Tabernáculo da Edificação da artista travesti baiana Ventura Profana. Em Tabernáculo da Edificação a artista problematiza os efeitos sociais, culturais e políticos dos processos de tradução e interpretação de textos bíblicos que, segundo sua interpretação, foram historicamente apropriados por projetos políticos de embranquecimento e concentração de poder.

A artista propõe a disputa por outras narrativas como a de corpos dissidentes, não hegemônicos e não-normativos. Afirmando a si mesma como um corpo apocalíptico, defende a resignificação e a apropriação do milagre como potência de vida. Tabernáculo da Edificação, sua proposta para o programa Bolsa Pampulha envolve estudos e redesenhos de mobiliários geralmente encontrados em Igrejas, assim como a gravação de um clipe em que possa professar, em alto e bom tom, suas palavras de salvação.¹⁸

A visita ao museu potencializou as discussões bibliográficas e as inquirições sobre o lugar das mulheres e LGBT's nos museus tanto como produtores e produtoras de arte, como representados e representadas nas coleções.

A atividade acadêmica curricular continuará a ser ofertada como optativa no curso de museologia e na Formação Transversal da

¹⁸ <http://www.jaca.center/ventura-profana-br/> (acessado em 08/09/2020).

UFMG. Inserir este debate na formação superior pode contribuir para que os museus sejam ferramentas de luta contra preconceitos de gênero e condição sexual.

Considerações finais

Os museus podem contribuir para a superação das fobias de condição sexual, identidade e gênero, empregando diversas estratégias, tais como diálogo com seus públicos, pesquisa sobre suas coleções, montagem de outras tramas hermenêuticas em suas galerias de exposição, com objetos e revisão de textos de legenda.

Por outro lado, o objeto The Waren Cup e a Carta de Mário de Andrade, cujo acesso fora interdito aos pesquisadores, revela as dificuldades dos museus em fazer este movimento. Para superar essas dificuldades é preciso investir em formação inicial dos profissionais de museus, propondo atividades acadêmicas curriculares que abordem a temática de gênero e sexualidade. A formação continuada pode, também, potencializar as atividades para superação da homolesbotransfobia presentes nos museus.

A atividade acadêmica curricular Museus e Diversidade do curso de museologia da UFMG introduziu o debate de gênero na formação do museólogo e ampliou a discussão para outros campos de formação na universidade. Os estudantes puderam perceber como os museus produzem memória, ao mesmo tempo em que silenciam grupos por meio de escolhas curatoriais, documentação museológica e aquisição de acervo.

Os estudantes puderam, igualmente, entender como os sujeitos mobilizam suas memórias, uma vez que os museus são bons para construir conhecimento na resignificação das posições éticas, políticas, estéticas e sensíveis. É preciso investirmos em uma museologia política e afirmativa, como instância que permite ao homem atuar no real, transformando-o positivamente, em busca de uma sociedade justa e igualitária.

Referências bibliográficas

Alves, C. E. R. & Tameirão, W.. (2014). Ciclo Transgressões no museu: educação cultura e direitos humanos. *Revista Memória LGBT*, n. 1, p 17-21.

Baptista, J. & Boita, T.. (2014). Protagonismo LGBT e museologia social. Uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos do CEOM*, 27 (41).

Baptista, J. & Boita, T. (2018). Por uma Primavera nos Museus LGBT: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 7 (13).

Baptista, J. & Boita, T. (2018). O diabo de Mário de Andrade: avanços e riscos para a memória LGBT a partir do debate sobre a sexualidade de Mário de Andrade. *Revista Memória LGBT*, v. 8 (1).

Boita, T. (2020). Lgbtfobia Museológica: algumas reflexões sobre as estratégias simbólicas utilizadas nos museus para invisibilizar pessoas LGBT. *Revista Ventilando Acervos*, v. especial.

Brusantin, B. (2017). Partilhar sentidos, permitir mudanças (Parte 2). <https://museudasputas.wixsite.com/museu/historias>, acessado em 10/09/2020.

Dias, M. C. D.. (2014). Os museus podem contribuir para a dignidade da pessoa humana para a dignidade social: entrevista com Mário Chagas). *Confluências Culturais*.

Frost, S. (2010). The Warren cup: secret, museums, sexuality, and society. In: Levin, Amy K. *Gender, sexuality and museums*, 138-149. Routledge.

Hoffman, F. E. & Frota, M. G.C. (2019). Museus e justiça de transição no contexto brasileiro: memória e informação na construção de

espaços de representação do trauma. *Em Questão*, v. 25, n. 2, 278-299.

Julião, L., Garcia & L. H Assis & Sabino, P. R. (2015) O curso de museologia da UFMG. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.20, número especial, 1-8.

Mayrink, A. L.& Salgueiro Marques, Â. C., & Prado, M. A. M. (2018). Políticas da imagem fotográfica em “Elas, Madalenas”: subjetivação e desidentificação de mulheres trans. *Triade: Revista De Comunicação, Cultura E Mídia*, 13 – 36.

Pinto, R. (2012) Museus e diversidade sexual: Reflexões sobre mostras LGBT e Querr. *Arqueologia Pública*. 44-55.

Pereira, Junia Sales (2007). *Escola e Museu: diálogos e práticas*. Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus.

Agradecimentos: Agradeço a Danieli Di Mingo pelos constantes debates, Carlos Vasconcelos Longo e Felipe Hoffman pelas fotos.